

UM HOMEM BOM ETC.*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i33p37-45>

Ligia Chiappini Moraes Leite^I

Em 2005 publicamos em Berlim uma antologia de textos de Antonio Candido, traduzidos para o alemão e intitulada, *Literatur und Gesellschaft*¹ (*Literatura e Sociedade*). A seleção foi proposta por mim e quase totalmente aceita por ele, que sugeriu a substituição de um texto por outro que julgava melhor e menos conhecido, bem como o acréscimo de um ensaio, que acabara de escrever, e que tinha relação mais direta com a Alemanha.² A

* O título alude ao livro de Antonio Candido, *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007. Uma primeira versão deste texto foi publicada, com cortes, devido a limitações de espaço, no boletim online do IEB, logo depois da morte de Antonio Candido, a convite de Sandra Nitrini. Uma tradução em alemão, para a página do Instituto Latino Americano de Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin) foi depois publicada numa versão sem cortes. Agora retomo aqui o texto completo em português, mas novamente adaptando-o ao novo veículo, a revista *Literatura e Sociedade*, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, porque algumas notas mais factuais, com informações que interessavam ao projeto deste número, foram acrescentadas, a pedido da sua Comissão Editorial. Isso pode explicar o caráter dual do texto que aqui se publica, entre meio ficcional e informativo. Nele procurei unir boa parte das informações, que me foram solicitadas em 12 perguntas, com a tentativa de entender e expressar a figura do Mestre como uma combinação indissolúvel de alta intelectualidade, simplicidade e profunda riqueza humana, com pouco açúcar e muito afeto.

Em tempo, gostaria de agradecer aos colegas responsáveis por este número de *Literatura e Sociedade*, por terem concordado com minha proposta deste texto híbrido.

^I Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha.

¹ Vervuert, 2005.

² Quando lhe falei do projeto de publicar uma antologia de seus textos em alemão, recusou, dizendo que não achava isso importante. A Vera Chalmers, colega e amiga de muitos anos, o conselho dado ao telefone, quando me queixei desanimada, para que insistisse, mas já levando ao Professor um anteprojeto, com o qual pudesse entusiasamá-lo. De fato, quem sempre se declarou um homem com senso do concreto, não resistiu à concretude de um anteprojeto com índice provisório, mas exemplar das diferentes vertentes de sua obra, respondendo ao telefone: “ok, mas eu gostaria de modificar um pouco a proposta”. Contente, repliquei: “claro, pode mexer como quiser ou inclusive propor totalmente outra coisa”. Uma semana depois, acertávamos o sumário definitivo, em sua casa, onde ele, entre outras coisas, me esperava com uma novidade timidamente anunciada: “escrevi um texto sobre Bismarck e a Alemanha, quando tinha 16 anos, que publiquei no jornal do colégio”. Nada importante, segundo ele, mas estava guardado de

antologia foi lançada em Berlim, na Embaixada Brasileira, logo depois de publicada pela editora Vervuert. Algum tempo depois, o tradutor dos textos para o alemão, Dr. Marcel Vejmelka, viajou para São Paulo e conheceu pessoalmente Antonio Candido, visitando-o em sua casa e apresentando-se a ele como meu ex-doutorando e seu tradutor. Na sua volta a Berlim, perguntei-lhe o que havia achado do Professor. A resposta que me deu parece simples, mas, na verdade, expressa sensível, racional e sinteticamente as grandes qualidades de Antonio Candido, como pessoa e como intelectual: “ – Um homem bom”.

Tantos anos depois, ainda com o coração pesado pela perda do Mestre e amigo, o que me ocorre para homenageá-lo são pequenos flashes de alguns de nossos encontros dentro e fora da Universidade de São Paulo. Cronologicamente e em conjunto, eles podem talvez ilustrar essa impressão/definição de Vejmelka.

1968:

A estudante do 4º ano, vestindo o eterno blusão do curso de Letras, desce apressadamente as escadas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na Rua Maria Antônia, atrás do Professor Antonio Candido, com quem acaba de ter uma aula, na qual ele vem de anunciar: “ –O seminário não funciona, por isso continuaremos com as aulas expositivas”.

Zangada por essa decisão contra um método, reivindicado nas chamadas reuniões paritárias³, ela insiste em defender o seminário como

modo bem organizado e fácil de achar. Como insisti em ler, e em colocar na antologia, ele concordou, mas sob a condição de publicá-lo em apêndice e com uma nota, esclarecendo que se tratava apenas de um exemplo de seu interesse precoce pela Alemanha. A nota foi incorporada como tal na antologia.

Talvez devesse explicar ainda que o processo de produção dessa antologia, desde a primeira proposta, até o resultado final, publicação e lançamento na Embaixada Brasileira em Berlim, com apresentação da longa entrevista com o autor, gravada em DVD e seguida de um animado debate, foram experiências inesquecíveis e plenas de aprendizagem intelectual e humana. Especial destaque foi dado à profundidade e amplitude de um pensamento dialético, que se mostra muito novo quando ele escreve ou fala sobre nacionalismo, nazismo, integralismo, socialismo, sempre procurando enxergar a complexidade desses movimentos. Isso se faz presente na parte do DVD que trata de sua relação com a Alemanha.

E sempre a modéstia. Como na sua insistência em recusar o epíteto de pensador, preferindo se apresentar como crítico literário. Esse tema veio à tona quando ele leu a introdução que escrevemos para a antologia, na qual o tratávamos como um pensador. Embora ele se recusasse a aceitar o termo, teimei em conservá-lo, argumentando com o fato de que ele próprio qualificara assim a Paulo Emílio Salles Gomes, ao apresentar um livro deste, que era também um crítico, embora de cinema.

³ Reuniões realizadas nas semanas anteriores ao reinício do semestre letivo, por estudantes e docentes, com igual poder de decisão, em que foram aprovadas várias medidas a serem propostas aos professores no primeiro dia de aula, sendo o seminário uma das mais importantes, como forma de participação mais democrática de alunas e alunos no processo de ensino-aprendizagem. Foi nessas reuniões, no primeiro semestre de 1968, que passei a conhecer Antonio Candido. Eu estava na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP desde março de 1966, tendo sido

prática formadora, justificando o “esquecimento” coletivo e atacando, atrevida: “ –O senhor está sendo preconceituoso”.

Calmamente, sem deixar de descer as escadas, o professor alega, que, afora ela, ninguém dos e das demais estudantes leu o texto de Lukacs, “Arte e verdade objetiva”, que deveria ser discutido nesse dia. E fecha a discussão com este argumento irrefutável: “ –Não, a senhora⁴ se engana, porque preconceito vem antes do conceito e minha decisão vem depois de constatar a inoperância de seus colegas”.

1969:

Retomando o curso, já na Cidade Universitária, depois da invasão da FFCL pelas forças da Ditadura, o Professor surpreende a aluna, que veste o mesmo blusão de Letras e continua atrevida, mas nunca chega atrasada⁵, ao propor à classe um curso baseado em seminários, em que cada estudante deve apresentar e desenvolver um conceito básico para o estudo da literatura. Cabe a ela expor o conceito de realidade, mas resolve mudar o tema, sem pedir licença, para “A literatura como forma de conhecimento da realidade”. Cada apresentação deve durar cerca de 15 minutos, mas ela fala mais de 40 minutos, deixando cinco minutos para o comentário final do Professor e preparando-se para enfrentar a esperada reprimenda. Mas o que ouve a surpreende novamente: “ –O seu seminário mostrou-se, em si mesmo, uma forma de conhecimento. Parabéns!”. No mesmo ano, a estudante se inscreve no mestrado, sendo aceita pelo mestre, que a incentiva a fazer um projeto para solicitar apoio à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.⁶

admitida no segundo ano, porque cursara o primeiro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (atual UFRGS e então Universidade do Rio Grande do Sul-URGS). Na ocasião, ele se encontrava em licença no exterior, tendo reiniciado seu trabalho na USP em plena crise que culminaria na invasão e fechamento da Faculdade na rua Maria Antônia.

Quando as aulas recomeçaram, depois da paralização que propiciou a discussão ampla e profunda da Reforma Universitária, iniciei com ele o curso optativo sobre teorias críticas, que foi interrompido com a invasão, mas foi retomado logo depois, na Cidade Universitária, onde, provisoriamente, fomos alojados no prédio de História.

⁴ Era como ele chamava, respeitosamente, a todas as suas alunas, independente da idade delas.

⁵ Detalhe importante, pois o Professor fechava a porta da sala aos retardatários, dez minutos depois de iniciar a sua aula.

⁶ Em 1969, ainda no prédio de História, submeti-me à seleção que realizou, para receber estudantes da pós-graduação e passei a frequentar não apenas os cursos que ele próprio ministrava nesse nível, mas também os que nos recomendava como opção complementar de, pelo menos dois: na área de cinema, o de Paulo Emílio Salles Gomes; de estética, os de Gilda de Mello e Souza; de teatro, os de Décio de Almeida Prado e de sociologia, os de Rui Coelho. Tal constelação curricular manifestava uma concepção ampla de literatura, próxima do que hoje conhecemos como Estudos Culturais, conectando literatura, artes plásticas e cinema, sem perder de vista, no entanto, importância da forma e sua especificidade em cada caso.

A tese de mestrado, propriamente, iniciei e terminei em 1970, defendendo-a em 1971, ainda no sistema antigo, que logo seria substituído por aquele introduzido pela Reforma Universitária. Nesse mesmo ano e já no sistema novo, iniciei e terminei o doutorado, defendido em 1974.

1970:

Com o objetivo de discutir detalhes do projeto, garantindo a qualidade no conteúdo e na forma e assegurando sua entrega antes do prazo final a essa conceituada agência de fomento, ele marca um atendimento de urgência em sua casa. Antes de ir, a orientanda telefona, perguntando o endereço e recebe uma explicação detalhada sobre o ônibus a tomar, o ponto a descer e o caminho a percorrer a pé, até o sobradinho do Itaim.

Dias depois, no intervalo de um curso de pós-graduação, o Professor, andando para lá e para cá no corredor, como costumava fazer, talvez para compensar as longas horas, passadas à escrivaninha, comunica à estudante, que talvez não saia a bolsa solicitada e talvez não possa mais ser seu orientador, porque os militares estariam na iminência de fazer com ele o que estão fazendo com vários de seus colegas, prendendo e cassando-lhes o direito de exercer a profissão. O melhor seria buscar um substituto, que não corra o risco de ser cassado. Mas o diálogo se termina com o seguinte comentário da estudante: “ – Espero que não lhe aconteça nada, mas se acontecer, eu me recuso a ter outro orientador, porque não tem sentido. E, nesse caso, tampouco preciso de bolsa”. Ele não diz nada, mas parece apreciar o comentário. Felizmente, seus receios não se confirmam. A orientanda continua com ele, obtém o auxílio para finalizar a pesquisa, defende o mestrado e parte para um doutorado, com nova bolsa, da mesma FAPESP e a orientação do mesmo orientador.⁷

⁷ Em 1970, fui convidada a exercer a função de monitora, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, sob a coordenação de Antonio Candido, dando aulas para turmas de 150 a 200 estudantes de primeiro ano de Introdução aos Estudos Literários, já nos barracões da Cidade Universitária, no CRUSP, para onde o curso havia sido transferido, aí permanecendo até o prédio das Letras ser construído. No ano seguinte, entrei para o quadro docente da mesma área, começando a atuar em regime de tempo parcial e, em 1975, no que se chamava de turno completo. Finalmente, em 1978, passei ao tempo integral.

A experiência de trabalhar com Candido representou um processo de formação intensa, continuada e aprofundada no convívio sistemático que tive com ele, mesmo depois de sua aposentadoria. Também foi fundamental o convívio com as e os colegas da sua equipe, constituída, no início, por Walnice Nogueira Galvão, David Arrigucci Jr., João Alexandre Barbosa, Lucila Ribeiro Bernardet e Teresa Vara. Logo depois de mim, chegaria João Lafetá, que deveria ter entrado comigo, mas cujo contrato demorou mais do que o usual, por causa dos agentes da ditadura, infiltrados na Reitoria, que queriam impedi-lo de entrar na USP. Graças aos esforços de Candido, que dedicou muito do seu precioso tempo até conseguir reverter esse bloqueio, o contrato acabou saindo.

Tínhamos pouca reunião ordinária, mas conversávamos bastante, entre nós e com Antonio Candido, que nos recebia sempre quando queríamos discutir algo com ele. O clima era de respeito e liberdade, com responsabilidade. Seu papel na condução da equipe foi decisivo, firme mas compreensivo e democrático, frequentemente, quase paternal, aconselhando, protegendo, incentivando e ensinando sempre em tom de simples conversa.

Não esqueçamos, porém, que não éramos um departamento, mas uma área no Departamento de Linguística e Línguas Orientais, ao qual a área se integrou para emprestar a “massa crítica” necessária à criação de departamentos, a partir da reforma universitária. E isso nos obrigava a reunir periodicamente para preparar nossa participação nas reuniões do Departamento, que era

1972:

A estudante pesquisa sobre o regionalismo gaúcho e sua relação com o modernismo, tema do doutorado. O Professor, sabendo que ela precisa ampliar seu conhecimento da ficção regionalista brasileira e que anda fragilizada pela perda recente do pai e pela maternidade um tanto precoce, resolve matar dois coelhos de uma cajadada só, pondo à sua disposição os livros dessa tendência literária, guardados na biblioteca da casa de sua família em Poços de Caldas e, ao mesmo tempo, proporcionando-lhe e à sua família um descanso da dura rotina paulista.

Quando a estudante chega lá, com uma filha de 2 anos e meio e outra de poucos meses, acompanhada do marido, que tirara férias especialmente para ajudá-la, depara-se com uma pilha de livros, enfileirados no chão do escritório, devidamente organizados na ordem em que seria mais fácil cumprir a tarefa de lê-los e fichá-los em 15 dias. Tudo foi pensado, para tornar possível o duplo objetivo, inclusive a cozinha e o serviço da casa, a cargo da eficiente e simpática caseira, D. Manuelina.⁸

Antes de partir, concluído o trabalho, meio envergonhada ela deixa sobre a mesa, com um bilhete explicativo, uma pequena quantia em dinheiro, para ressarcir pelo menos os telefonemas desses 15 dias. Mas, ao reencontrar o Professor, já de volta a São Paulo, ele lhe devolve o dinheiro, sem comentários e sem margem para discussão.

Tempos depois,

A aluna, querendo ajudar uma colega em crise de depressão, procura o Professor e, sem perceber seu enorme atrevimento, faz-lhe a seguinte proposta: “ – O Senhor poderia emprestar para a colega, como fez comigo, a casa de Poços de Caldas? Acho que vai fazer bem a ela, como fez bem a mim”.

Antonio Candido, sorrindo pacientemente, responde com um conselho duro, mas realista e inesquecível: “ – Tome cuidado! Quando uma pessoa se atira num poço, e a gente chega muito perto, não pode ajudar, mas pode ser puxado para dentro”.

meio caótico, enquanto a área era coesa em torno dos principais objetivos da Universidade. Entre outros, prezávamos muito a preparação minuciosa das aulas e a leitura atenta e anotada dos trabalhos de cada aluno, o que não era fácil, porque havia turmas de mais de 150 alunos e dávamos aula de manhã e à noite.

⁸ Pessoa a quem, posteriormente, ao vender a propriedade, Antonio Candido e seu irmão Roberto presentearam com uma casa própria.

1974-1979:

A tese de doutoramento é defendida, em 1974, com uma banca de primeira linha, escolhida de comum acordo com o Professor. Dela faziam parte, além dele, na coordenação, os Professores Doutores Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Alfredo Bosi e Telê Porto Ancona Lopes.

Nos anos seguintes, a aluna continua a pesquisar, agora sobre João Simões Lopes Neto, visando a Livre-Docência. Mas diminui o ritmo, dividida entre a USP e outros empregos suplementares, principalmente aqueles que lhe permitiam oferecer cursos de reciclagem a professores de primeiro e segundo graus, passando a interessar-se cada vez mais por esse tema e suas implicações práticas, na militância por melhores condições de trabalho para esses profissionais.⁹

O Professor entende e valoriza essa escolha¹⁰, mesmo quando o ritmo da tese de Livre-Docência se torna mais demorado ainda, porque, juntamente com a pesquisa sobre João Simões Lopes Neto, a estudante resolve fazer um pós-doutorado na França, sobre O ensino da Literatura. Entre 1978 e 1979 ela trabalha simultaneamente nos dois temas. Na volta, publica o livro sobre ensino, mas continua lentamente o trabalho para a Livre-Docência.

⁹ Entre fevereiro de 1978 e julho de 1979 fiz um pós-doutorado em Paris, estudando e pesquisando em bibliotecas e participando de seminários na Escola de Altos Estudos, na Escola Normal Superior e na Universidade de Paris X, fazendo também vários estágios junto a escolas da chamada Pedagogia Freinet, como também frequentando os congressos relativos a ela.

Foi ainda em Paris que recebi a notícia da aposentadoria de Antonio Candido. Tal notícia chocara não apenas a nós, assistentes, como também a colegas de outras áreas e, principalmente, a ele mesmo, pela rapidez com que o processo percorreu os escaninhos burocráticos da USP, geralmente tão morosos. A esse respeito, lembro mais uma das minhas ousadias: tendo tido notícias sobre o quanto a rapidez desse processo o abatera, enviei-lhe uma carta, negando-lhe o direito de se comportar como a maioria dos homens que se deprimem quando se aposentam, já que ele não era um homem comum, tendo muito ainda para dar e receber nessa nova etapa da vida.

Ele nunca respondeu essa carta nem conversamos sobre ela, mas guardo na memória o olhar que me lançou no nosso primeiro reencontro depois dela, meio enigmático, entre tolerante e divertido.

Em 1979, de volta ao Brasil, comecei a atuar na pós-graduação e a dar cursos optativos de Teoria Literária e Literatura Comparada, recebendo orientandos de mestrado e doutorado.

Em 1980, depois de ter atuado, durante sete anos como docente da área, fui obrigada, como outros colegas e outras colegas de geração, a prestar concurso de ingresso. Pelas novas regras, só depois de aprovada nesse concurso, passei a fazer parte da equipe em caráter permanente. Antonio Candido, mesmo aposentado, participava com frequência de nossas bancas de mestrado, doutorado e livre-docência, bem como de outros eventos da USP.

¹⁰ Cabe aqui lembrar o respeito que ele tinha pelas escolhas dos alunos e alunas, na hora de definir projetos. Isso foi uma lição que procurei usar e uso até hoje, com minhas orientandas e meus orientandos.

Na década de 80:

Outro tema e outro Antonio se imiscuem nos seus planos antes da Livre-Docência: Antonio Callado e o Nacional Popular. Esse tema acaba gerando um prêmio em Cuba, para onde a estudante viaja em 1982 e onde amadurece um novo projeto e uma nova viagem, desta vez, para New York, em 1985. Na mala está a versão final da tese sobre João Simões Lopes Neto, mas ainda precisando revisão. Na volta, já em 1986, finalmente, essa tese, tendo como apêndice uma edição crítica da ficção do escritor gaúcho, preparada ao longo dos últimos 10 anos, é inscrita para o concurso de Livre-Docente. O Mestre continua apoiando a ex-aluna, com sua experiência, sua sabedoria, sua gentileza e sua generosidade, sendo o coordenador da comissão examinadora nesse concurso.

No dia da prova escrita, sorteado o ponto, entre 10 itens previamente divulgados, a candidata tem 3 horas para consultar material pertinente ao tema, e uma para escrever o texto, que deve apresentar, logo a seguir, em leitura pública. A escrita da prova se dá na hora do almoço. Ela lê e escreve, nervosamente, sem nem pensar em comer ou beber algo. Os membros da Comissão saem para almoçar e só voltam à tardinha. Mas o professor fica supervisionando. De repente, chega à sala, pede desculpas por interromper e se oferece para lhe comprar um lanche na mesma lanchonete da Faculdade, onde comerá o seu sanduíche. Ela aceita de bom grado, percebendo, então, a sua grande fome. Encomenda um Bauru e um suco de laranja, que ele traz minutos depois, juntamente com uma sobremesa inesperada: um delicioso chocolate, que ele justifica, dizendo ter o poder de repor as energias, necessárias à finalização da prova com sucesso.¹¹

1990-95:¹²

Em 1989, a Livre-Docente é convidada a passar um semestre como Professora Visitante em Berlim, no Instituto Latino Americano da Freie Universität, por gentil indicação de uma colega e amiga, Walnice Nogueira

¹¹ Mais tarde, viria a descobrir que o Professor, tão esbelto, era apreciador de um bom chocolate e pode até retribuir a gentileza em uma de minhas visitas.

¹² A área sobreviveu longo tempo com apenas oito docentes. Nos anos 90, conseguimos verba para expandir a equipe, o que nos permitiria, logo depois de estes ingressarem por concursos que se sucederam e representaram um trabalho extra para nossa pequena equipe, entrar com o pedido oficial da criação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, que foi, finalmente, criado. Quando me aposentei, em 1997, depois de haver chefiado o Departamento por dois anos, havia as seguintes professoras e os seguintes professores no Departamento: Sandra Nitrini, Iumna Maria Simon, Cláudia Arruda Campos, Ivone Daré Ribeiro, Cleusa Rios, Iná Camargo Costa, Rita Chaves, David Arrigucci Jr., Ariovaldo José Vidal, Marcus Mazzari, Roberto Ventura. Por algum tempo, ainda tivemos a colaboração de Marlyse Meyer e Modesto Carone. Walnice Nogueira Galvão e João Alexandre Barbosa já haviam se aposentado. Aliás, é preciso destacar a importância de João Alexandre para a criação do Departamento, pois, como Diretor da Faculdade e membro do Conselho Universitário, teve uma atuação decisiva nesse processo.

Galvão¹³, que acabara de exercer essa função. Em 1990, faz o concurso aí para Professora Titular de Literatura e Cultura Brasileira (*Brasilianistik*), sendo classificada em primeiro lugar. Depois de várias hesitações por parte da Universidade alemã – decorrentes, sobretudo, do novo contexto da Alemanha recém-unificada, mas também do fato de ela que ter sido orientanda de Antonio Candido, o que a tornava suspeita de ser “adepta” do marxismo-leninismo – é, cinco anos depois, finalmente, chamada para ocupar o Cargo. Antonio Candido acompanha tudo sem maiores comentários e, quando ela lhe comunica que vai aceitar o novo cargo e morar na Alemanha, ele apenas diz: “ – Isso é destino!”¹⁴

Daí para frente:

Nos primeiros anos, quando, voltando ao Brasil, ia visitá-lo, o diálogo se dava com a participação de D. Gilda, que também foi Professora da mesma estudante e com quem sempre foi um prazer conversar. Falávamos sobre tudo, da literatura, da arte e da vida, no Brasil e na Europa; da esperança de um mundo novo se gestando pela mistura de etnias, gêneros e culturas e pela superação do preconceito e da pobreza.¹⁵

O Professor, que se dizia desinteressado do mundo atual, mostrava-se, na verdade, bastante bem informado e inconformado com a banalidade do mal. Em nossa última conversa, em sua casa, no final de março deste ano, estava preocupado principalmente com os conflitos na Síria, responsáveis também pelos sobreviventes errantes e indesejáveis nos países corresponsáveis pela sua desgraça. E também os maus ventos no Brasil, o golpe, a corrupção em todos os níveis das Instituições e o desmonte dos direitos conquistados nos últimos 15 anos. Mas o Mestre amava a vida e era um *optimista*, como gostava de dizer. Por isso, nessa ocasião, depois de comentar tais atrocidades, mudou o tom da conversa e me brindou com um mergulho prazeroso no passado de um menino curioso e também no presente do um idoso, que, embora tenha perdido a maioria dos amigos, amigas e parentes, não perdeu até o final o gosto pela vida.

“Um homem bom”, de “alma forte e coração sereno”, como diria Simões Lopes, aproximando-se da concepção aristotélica de homem virtuoso, segundo a qual este se constrói quotidianamente, com

¹³ Seguindo essa indicação, o convite oficial foi iniciativa do Dr. Berthold Zilly, então encarregado do ensino do português-brasileiro no mesmo Instituto.

¹⁴ Até hoje me pergunto, como muitos o fazem, se ser ateu, como o Mestre se declarava, é compatível com a crença(?) no destino. Mas não me ocorreu fazer-lhe essa pergunta. Desconfio, porém, que o destino ocupa para Antonio Candido o lugar de um Deus humanizado, aproximando-se mais do conceito de sorte, construída numa trajetória de vida, fruto do trabalho e da vontade, embora ainda sujeita ao imponderável e ao acaso.

¹⁵ O contato se manteve sim, sobretudo por visitas anuais, mas também por telefone e algumas cartas.

temperança, razão e ação, teoria aliada à prática, inteligência, sensibilidade e disciplina, mas também com alegria. Porque o valor mais alto a alcançar é a felicidade. E esta, uma busca contínua, para além dos meros momentos de prazer, uma busca do próprio bem, cultivando o respeito ao bem comum e à felicidade alheia. Antonio Candido trabalhou quase 100 anos para ser isso: um homem virtuoso e, por isso, um homem político, contemplativo e ativo. E, nessa tarefa, ensinar e ensinar especialmente literatura, muito o ajudou. Viu que isso era bom e morreu feliz.

O que resta da estudante atrevida é uma ex-aluna grata e saudosa, que nunca parou de aprender com o Mestre e ainda aprende mesmo depois que ele nos deixou, por meio de lembranças como essas e da leitura de seus textos. Ela, que, desde os idos de 68, ele ensinou a ser menos atrevida sem matar a teimosia na luta por um Brasil e um mundo mais justos, tem hoje 73 anos e reivindica às forças do destino pelo menos mais 26 anos de vida, para tirar a prova dos 9, demonstrando que, de fato, aprendeu o essencial do grande Professor.

Ligia Chiappini Moraes Leite graduou-se em Letras em 1968, tornou-se mestre em 1970 e doutora em 1974 em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade de São Paulo. Pela mesma instituição, tornou-se livre-docente em 1986. Atualmente, é professora titular da Freie Universität Berlin. Entre suas principais publicações estão *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para seu estudo* (1972) e *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto* (1998). Contato: lchiappi@zedat.fu-berlin.de